



Masculinidade e internação psiquiátrica: os homens do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947)¹

Masculinity and psychiatric hospitalization: men at the Allan Kardec Psychiatric Hospital (1922 – 1947)

Gabriel Lopes
UNESP - Franca

RESUMO: Foucault em “O Nascimento da Clínica” refaz o percurso histórico onde o hospital, outrora tido como local de assistencialismo social e de preparo diante da morte próxima, se constituirá como local de cura. Modificação no olhar, cuja premissa será cingida na ordem da cura do corpo “anormal”, “doente”, “enfermo”; corpo que carece de – e clama por – intervenção. À vista disso, com a medicalização da loucura e das subsequentes classificações nosológicas, a psiquiatria se revestirá de todos os instrumentos e discursos científicos para interferir e legitimar a sua atuação no corpo desvairado, instituindo a figura do alienista como entidade curativa oficial. No Brasil de meados do século XX, permeado pelo projeto de modernização (e de higiene) urbana, muitas ações foram tomadas pelo poder público a fim de sanar o corpo social, inclusive por meio da adoção do alienismo social como medida de higiene pública. Com efeito, atesta-se apenas 5% dos homens internados no *Asilo Allan Kardec* – Franca-SP entre os anos de 1922-1947 possuem diagnóstico. A maioria dos homens se encontra na faixa etária economicamente ativa. Os dados erigidos abrem margem, em última instância, para o questionamento das reais circunstâncias pelas quais estes homens foram internados.

Palavras-Chave: Virilidade, Masculinidade, Primeira República, História de Gênero, História da Psiquiatria.

ABSTRACT: Foucault in “The Birth of the Clinic” retraces the historical path where the hospital, once seen as a place of social assistance and preparation in the face of imminent death, will become a place of healing. Modification in the look, whose premise will be limited to the order of healing the “abnormal”, “sick”, “ill” body; body that lacks – and cries out for – intervention. In view of this, with the medicalization of madness and the subsequent nosological classifications, psychiatry takes on all the instruments and scientific discourses to interfere and legitimize its operation in the frantic body, instituting the figure of the alienist as a curative entity. In urban Brazil in the mid-twentieth century, permeated by the modernization project, (and hygienism) many actions were taken to “heal” the social body, including the adoption of social alienism as a public hygiene measure. In fact, only 5% of the men inmates at the *Asilo Allan Kardec* – Franca-SP between the years 1922-1947 have a clinical diagnosis. Most men are in the economically active age group. The data raised open questions regarding the real circumstances for which these men were interned.

Keywords: Virility, Masculinity, First Republic, Gender History, History of Psychiatry.

¹ Pesquisa financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). E-mail: lpsdezg@gmail.com



Insanidade e modernidade

Não está no escopo de nossas análises verificar a existência real da loucura – assim como nem Foucault em sua vasta empreitada se imbuíu desta missão. Mas o que nos interessa, assim como para o filósofo francês e nas palavras de Paul Veyne, o mais bem acabado historiador² são os efeitos do uso tecnológico dos corpos: os discursos que atuam como corroboração da norma social. O Brasil da primeira metade do século XX é atravessado por uma série de modificações de ordem tecnológica e normativa que, em última instância, afetam o tecido social.

A partir do crescimento industrial, novos serviços urbanos passam a ser consolidados nos lugares públicos e de convívio social do homem burguês; as relações sociais passam a ser entre as camadas assalariadas; e com isso, as classes passam a ser edificadas de forma distinta. Isso é refletido na construção das casas e na diferenciação entre os bairros, onde “[...] criam-se espaços diferentes para classes desiguais.” (CUNHA, 1986, p. 32).

O município de Franca-SP abriga até hoje o *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec*, a partir do qual podemos tecer nossas análises sobre a internação masculina entre os anos de 1922 até 1947. O recorte temporal adotado explica-se pelo fato de 1922 ser o ano de fundação do então chamado *Asilo Allan Kardec*; do ano de 1947 – final do nosso recorte – consta o último livro pertencente à primeira metade do século XX da sequência digitalizada e disponibilizada para pesquisas no CEDAPH – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Histórica da UNESP/Campus de Franca-SP.

Franca e a modernização nos séculos XIX-XX

Franca teve sua modernização calcada por meio da elite cafeeira. Esta elite enriquecida pela cafeicultura passou a se assentar no meio urbano, instada pela perspectiva de investir seu capital e por se manter adjunta às instâncias de poder. Com a mudança para a urbe, a elite detentora do capital econômico passa a exigir do poder municipal o conforto necessário para a sua instalação, cujo feitio coadunasse com o ideário de modernização, inclusive no que se refere à higienização. A formação desta

² Nas palavras de Paul Veyne: “Foucault é o historiador acabado, o remate da história” (VEYNE, 1998, p. 239)



noção crescente de progresso associada à construção de uma cidade modernizada, mormente nos séculos XIX e XX, incidiu sob a classe mais abastada da cidade como forma de colaboração por via de empréstimos, que viabilizaram o processo de modernização (FOLLIS, 2007).

A higienização da urbe decorrente do processo de modernização se propagou de modo a consolidar uma noção ideal de cidadão, o que chamamos aqui de “modelo de cidadão”. Neste modelo encontram-se os valores elementares do cidadão que coaduna aos desejos ordeiros da burguesia. Dentre estes valores constituintes do homem ideal estão o apreço pelo trabalho, a manutenção da ordem, a formação tradicional da família e em suma: todos os atributos que formam o homem ideal para o progresso; valores estes que, como pontua Cunha (1986, p. 35), foram incididos sobre o corpo social através de discursos das mais inumeradas espécies, como através da jurisdição e da medicina higiênica. Sob a forma de medicina mental, o discurso médico passa a atuar no cotidiano, “[...] invadindo a esfera das relações pessoais para moldá-las segundo os propósitos da ordem e da disciplina urbanas.”

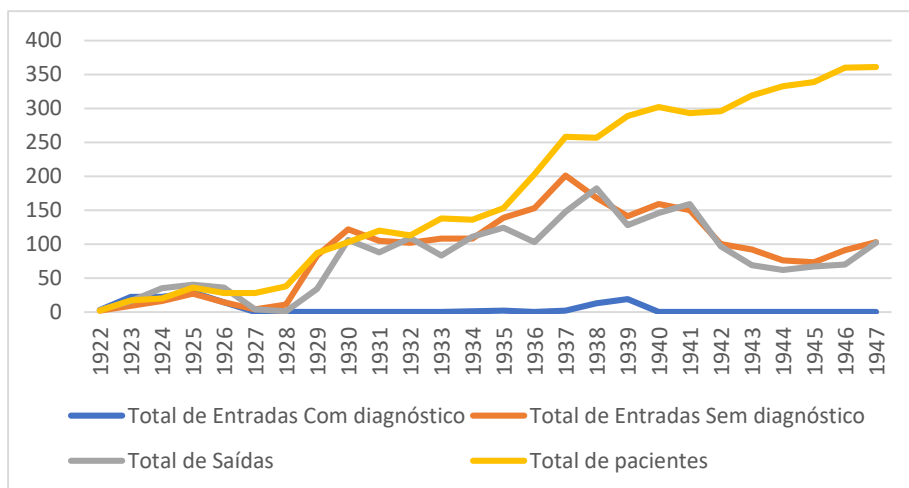
A partir do estabelecimento de um modelo de cidadão a ser cumprido faz-se também, pelo efeito de contraposição, o estabelecimento do antagonista, isto é, a imagem daqueles que não atendem aos critérios especificados e que estão, portanto, alheios à normalidade construída. Esses sujeitos malquistos estão passíveis a inumeráveis estratégias de controle e isolamento, uma delas é a internação em hospitais psiquiátricos.

O perfil de internamento masculino no *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec*

O Gráfico 1 apresenta o total de pacientes do sexo masculino (com diagnósticos e sem diagnósticos) internados no *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec* de 1922 a 1947. Podemos perceber a quantidade ínfima de diagnósticos clínicos entrevista na documentação masculina, consistindo em apenas 5% com relação ao total de entradas.



Gráfico 1 – Pacientes do sexo masculino com diagnósticos e sem diagnósticos do Hospital Allan Kardec (1922-1947)



Fonte: Livros de Registros Masculinos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947).

Da perspectiva de quem não tem diagnósticos, muitos destes homens não foram internados por desordens de cunho mental, mas sim porque não cumpriam com o ideal de masculinidade, como veremos por meio dos dados que seguirão. A total nulidade de presença de diagnósticos a partir de 1940 sugere que a burocracia hospitalar foi vencida pela simples necessidade da instituição em cumprir com a sua função asilar, dando cabo dos indesejados que aumentavam numerosamente. É válido notar que a partir de 1940 a indústria de Franca passa por modificações substanciais, deixando de ter seu apoio unicamente no café e tendo na produção calçadista o motor principal de sua economia. Com o desenvolvimento da atividade industrial também se segue o aumento populacional nos centros urbanos; e com isso, mais indivíduos em situação de desconformidade com a estrutura de ordenamento social, posta em prática pelas políticas públicas. Isso pode ser verificado pela inversão de estrutura habitacional ocorrida na década de 1940. O censo de 1940 apresenta 43% da população residente na urbe enquanto o censo de 1950 mostra que 54% da população passou a residir na cidade, conforme mostra a Tabela 1 (SILVA, 2007).



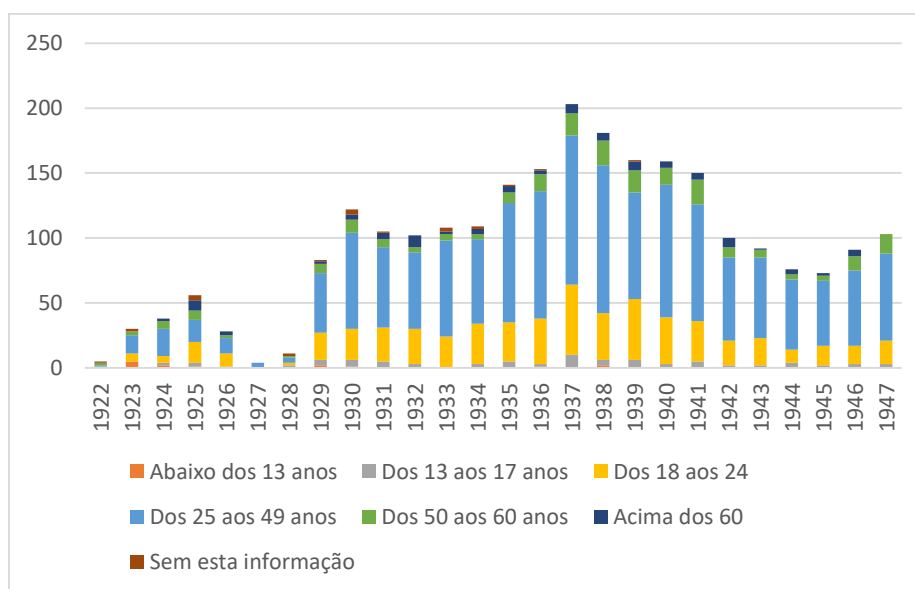
Tabela 1 – População urbana e rural do município de Franca (1940-1960).

Município de Franca (1940-1960)					
Censos	Rural	%	Urbano	%	Total
1940	31.652	56,83	24.038	43,17	55.690
1950	24.575	45,94	28.910	54,06	53.485

Fonte: F.I.B.G.E. (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censos Demográficos: Série Regional – São Paulo (1940-1980) apud SILVA (2007).

As seguintes cidades faziam parte de Franca: São José da Bela Vista (1948), Cristais Paulista (1959), Restinga (1964) e Ribeirão Corrente (1964). As datas em parêntesis se referem aos anos de autonomia destas cidades.

Gráfico 2 – Faixa etária dos internos do sexo masculino no Hospital Allan Kardec no período de 1922 a 1947.

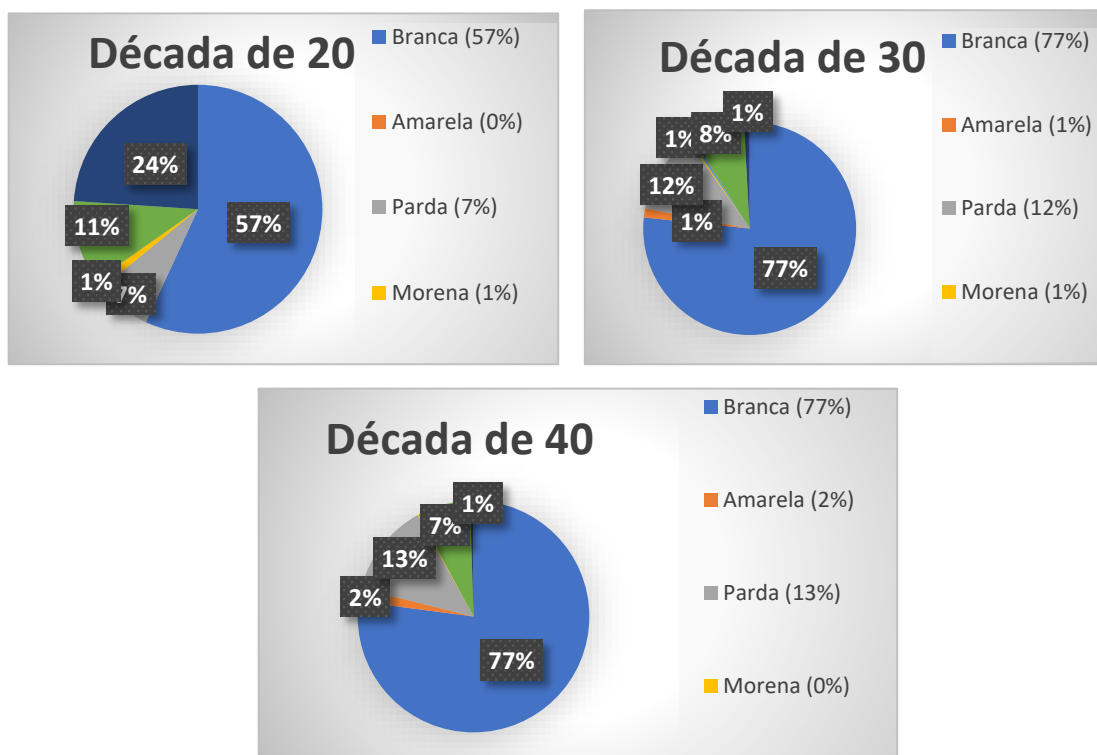


Fonte: Livros de Registros Masculinos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947).



Como apresentado no Gráfico 2, o perfil de internamento dos homens sem diagnósticos demonstra que a sua faixa etária se encontra dentro do período de pessoa economicamente ativa (PEA); ou seja, dos 25 aos 49 anos. A maior parte deles está em faixa de trabalho e na época produtiva do homem. Para o homem moderno; época de plena modernização citadina e acesso aos bens de consumo e comodidades proporcionados pelas novas tecnologias, se esperava um comportamento masculino adequado, que passa pela esfera do exercício do trabalho. A atividade profissional no período é um papel social fundamental do masculino, possibilitando o desenvolvimento de condições financeiras plenas, as quais por sua vez fossem capazes de garantir o matrimônio e o sustento dos filhos. Desse modo, o homem podia garantir de modo eficiente a perpetuação de seus genes. Como mostra o Gráfico 3, na maior parte das décadas em estudo o perfil de internamento masculino apresenta a etnia branca (57% na década de 1920, 77% na década de 1930 e também 77% na década de 1940), como mostra o Gráfico 3.

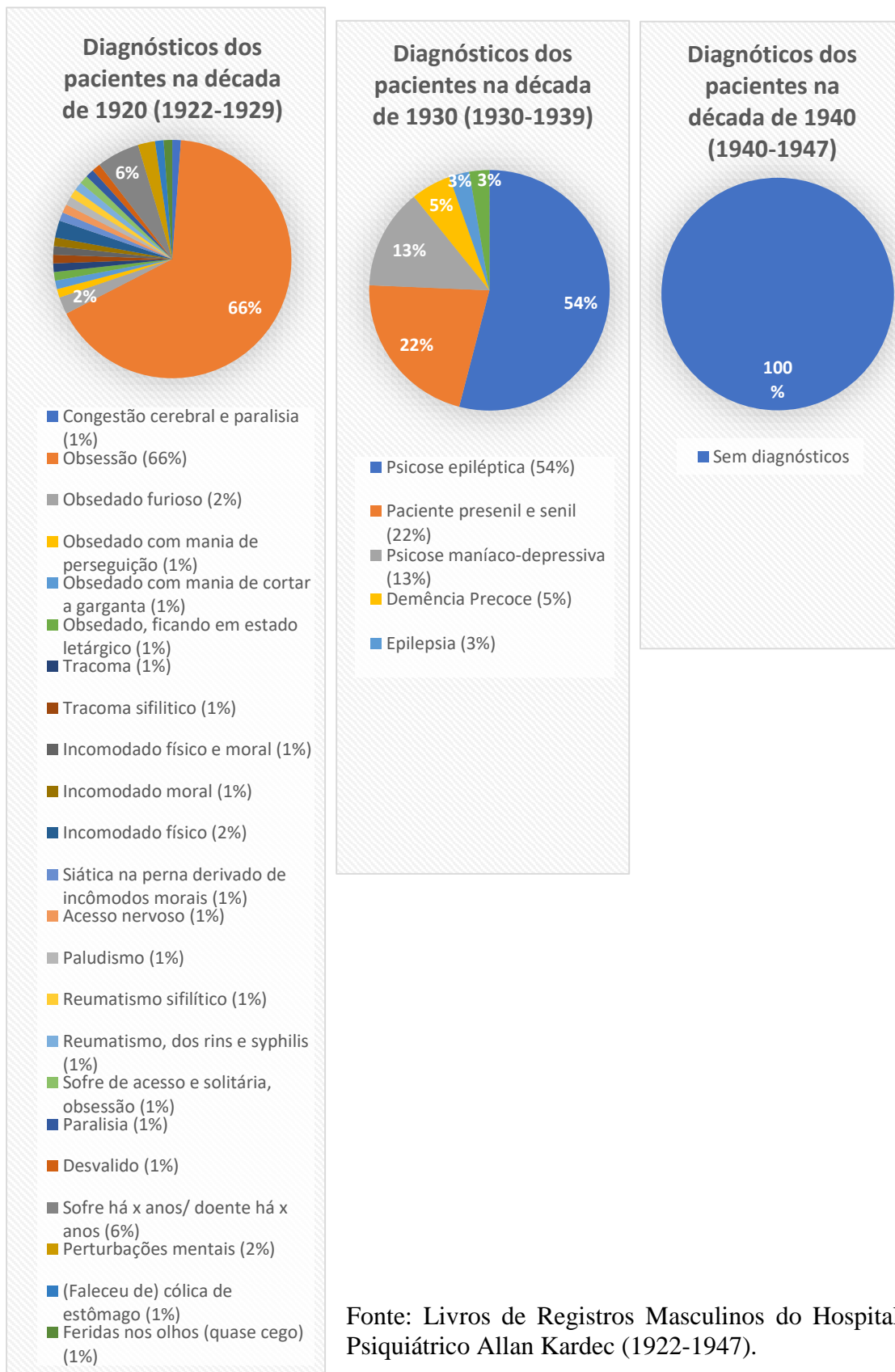
Gráfico 3 – Etnia dos internos no sexo masculino sem diagnósticos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec de acordo com a década (1922-1947)





Fonte: Livros de Registros Masculinos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947).

Gráfico 4 – Diagnósticos dos pacientes do sexo masculino no Hospital Psiquiátrico Allan Kardec de 1922 a 1947



Fonte: Livros de Registros Masculinos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947).



No que se refere aos diagnósticos psiquiátricos, observa-se no Gráfico 4 apresentado acima que a maior predominância nos anos 30 é o diagnóstico de “obsessão”, obtendo uma taxa de 66%. Nos anos 40 há o predomínio do diagnóstico “pré-senil e senil” seguido de “psicose maníaco-depressiva”, com 22% e 13%, respectivamente. Percebem-se aqui as classificações psiquiátricas de Emil Kraepelin, muito em voga no período e adotadas sobretudo pelo médico Juliano Moreira (1873-1933), presidente da *Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal*, a qual teve sua criação em 1907 e foi gestada por Juliano Moreira até o ano de 1933, ano de seu falecimento (CERQUEIRA, 2014).

Juliano Moreira foi o primeiro alienista brasileiro que se propôs a comentar e publicar as “novas classificações” de doenças mentais efetuadas por Kraepelin. Moreira assumia postura semelhante à do professor alemão, se propondo a aplicar sua classificação pautada na observação do paciente (DALGALARRONDO, 1996).

Ainda sobre Juliano Moreira, consta que nasceu em Salvador-BA no dia 6 de janeiro de 1873. Iniciou o curso de medicina aos 13 anos, formando-se aos 19 anos. Contraindo tuberculose alguns anos depois de formado e vai para Alemanha a fim de tratar-se. Lá entra em contato com figuras importantes como Virchow, célebre anátomo-patologista do período. Não obstante, é de maior relevância o contato de Moreira com a obra de Kraepelin, efetivado a partir dos cursos de psiquiatria e clínica que frequentava (VASCONCELLOS, 1998, apud OLIVEIRA, 2002, p. 212).

Percebe-se ainda que até mesmo aqueles pacientes com diagnósticos não dispõem de um diagnóstico clínico de transtornos mentais; mas sim, apenas designações de ordem religiosa, dado que o *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec* – à época chamado de *Asylo Allan Kardec* – tem sua origem vinculada ao espiritismo próprio de seu fundador, José Marques Garcia. Classificações como “obsessão”, “obsedado” e “incomodado moral” refletem os princípios espíritas que regiam a instituição asilar.

Ainda no primeiro decênio do século XX, Garcia edificou uma série de moradias em um terreno de sua propriedade e abrigou doentes mentais que circulavam pelo município. Em 1933 o *Asylo* ganhou formalidade jurídica e foi renomeado para *Casa de Saúde Allan Kardec*. O jornal *A Nova Era*, administrado pelo próprio José Marques Garcia, rememora a fundação do *Asylo*, motivada pela ocasião do seu aniversário



natalício. O excerto publicado no ano de 1936 confirma os princípios espíritas que norteiam a instituição, de forma conjunta à “ciência médica”:

Em 1922, auxiliado por um grupo de confrades, José Marques Garcia teve a coragem que nenhum outro jamais teve, qual o de iniciar a fundação de uma casa que daí ha pouco viria abrigar dezenas e dezenas de enfermos da mente, afim de receberem um tratamento moderno, de acôrdo com os principios do espiritismo e da ciencia médica (A Nova Era, 1936, n. 371).

Devemos ainda salientar que grande parte dos diagnósticos apresentam uma descrição concernente à inabilitação social do homem. Isto é, descreve-se o doente como inabilitado para operar ativamente em seu meio social e exercer as funções próprias do masculino, como a inserção no mercado de trabalho e o sustento dos filhos. Como é o caso do primeiro interno do *Asylo*, registrado no dia 20 de novembro de 1922:

A.F.S. com 32 annos. Completamente cego a 3 annos mais ou menos, cazado e separado da mulher, tendo em sua companhia os seus dois filhinhos. D. com 9 annos e G. com 1 annos. Sem recursos andava pelas ruas mendigando o pão para o seu sustento e de seus filhinhos. Todos esfarrapados e doentes devido o mau passadio pois estas creanças não podiam velar de si mesmas e nem de seu pae. Por isso tomamos o cuidado, internando-os n'este asylo onde serão amparados por tempos indeterminados. [...] (Primeiro Livro de Internados do Hospital, 1922)

Portanto, quando observamos a presença de diagnósticos que aludem à inabilitação física, paralisia e desvalia, entendemos que estes homens não se adequavam ao estereótipo de Homem, ao ideal do masculino de um homem do “novo século”, afeito ao trabalho e economicamente ativo, conclusão à qual chega também Magnani (2008, p. 79), ao analisar o Hospício da Diamantina sob o prisma dos papéis de gênero:

Temos, portanto, uma concepção de normalidade também para os homens: moderado no prazer, discreto e paciente, possuidor de uma vida diligente e capaz de proporcionar boa nutrição e sã habitação à sua família. Este homem, para ser normal, tem posses, evita os excessos sexuais, tem trabalho, habitação e pode constituir família segundo os padrões de vida de uma classe privilegiada.

O *Asylo Allan Kardec* abrigou especialmente em seus anos iniciais de existência diversos internos de nacionalidades diferentes, que vinham em busca de melhores



oportunidades de trabalho. Segundo Faleiros (2002), na década de 1920 o município de Franca contava com 44.308 habitantes, dos quais 6.193 eram imigrantes. Entre estes, destacam-se os italianos (2.889) e espanhóis (2.281), totalizando, portanto, 21,35% da população total. A Tabela 2 mostra a nacionalidade dos internos do sexo masculino no período de 1922 a 1947 e que não possuíam diagnósticos.

Tabela 2 – Nacionalidade dos internos do sexo masculino e sem diagnósticos do Hospital Allan Kardec (1922-1947)

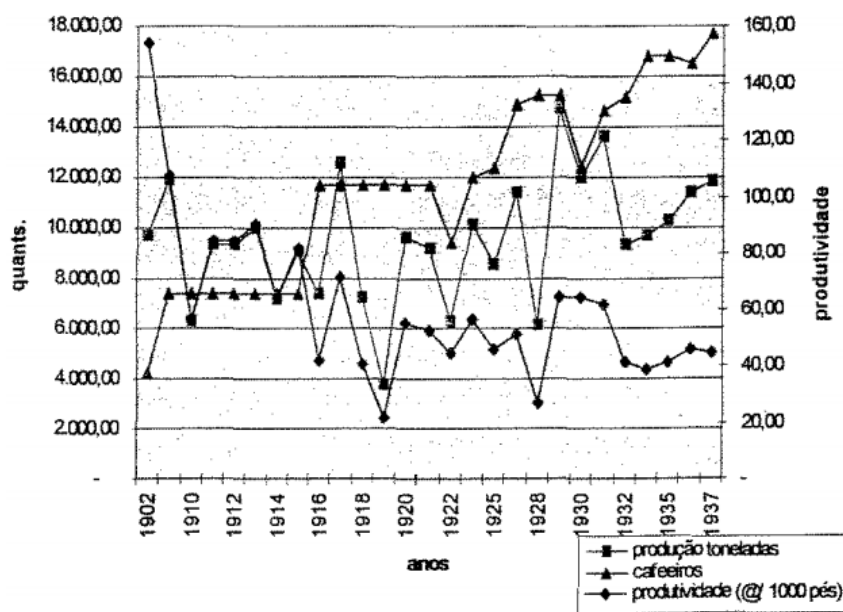
Nacionalidade	Década de 20 (consta no livro 29-36)	Década de 30 (30-39)	Década de 40 (40-47)	Porcentagem total
Argentina	0	1	0	0,04%
Brasileira	122	1247	766	87,07%
Hespanhola	4	45	14	2,57%
Portuguesa	8	40	13	2,49%
Italiana	10	65	21	3,92%
Alemã	0	0	1	0,04%
Austríaca	0	2	0	0,08%
Lituana	0	0	1	0,04%
Japonesa	0	20	17	1,51%
Húngara	0	1	0	0,04%
Síria	0	11	6	0,69%
Russa	0	1	1	0,08%
Romena	0	0	1	0,04%
Jamaicano	0	0	1	0,04%
Rasurado	1	1	0	0,08%
Ignorado	2	4	0	0,24%
Vazio	19	5	1	1,02%

Fonte: Livros de Registros Masculinos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947).



Uma grande parcela dos imigrantes que chegam em Franca para trabalhar no café na primeira metade do século XX acaba se deparando com o desemprego, visto que a região passou por momentos de crise e a economia cafeeira foi seguramente afetada. Segundo Tosi (1998), a produção cafeeira em Franca obteve crescimento quase sempre crescente entre os anos de 1902 e 1937. Contudo, a crise de 1906 causou impactos sobre a cafeicultura no município, sobretudo para as plantações maiores, dado que os custos se elevaram, resultando no abandono e na subsequente queda de valor das propriedades. Outro momento de crise se refere à Crise de 29. Observou-se no período em questão uma súbita desvalorização patrimonial. Outros períodos críticos foram observados nas já conhecidas queimas dos anos 30, na seca de 1940-41 e na geada ocorrida no ano de 1942. Apesar destes pontos críticos, Tosi acentua que o café francano conseguiu se recuperar de maneira altamente eficiente, em virtude dos diferenciais do café ali produzido. A Figura 1 mostra como se deu a dinâmica de produção do café entre os anos de 1902 a 1937.

Figura 1 – Dinâmica da cafeicultura em Franca: (1902/1909-1937)



Fonte: TOSI, Pedro Geraldo. Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista 1860-1945. [Tese de Doutorado]. 1998. Campinas/SP: UNICAMP, 1998.



Dado que a ausência de trabalho representa uma desconformidade basilar para com os pressupostos ideais do masculino das primícias do século XX, muitos imigrantes que perderam o emprego no período crítico de produção cafeeira se acabam vendo destituídos das condições necessárias para o cumprimento adequado de cidadania. Um dos destinos possíveis para aqueles que não atendem ao modelo pré-estabelecido de cidadão, em conformidade com o projeto burguês de cidade, é o abrigo dentro de instituições mentais, como o *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec*.

Trabalhamos com o pressuposto que a construção do homem sexuado se dá historicamente, socialmente e culturalmente, por meio de *constructos* que conferem ao homem o seu papel dentro do corpo social. Portanto, lidamos com “homens cuja masculinidade, longe de ser natural, foi socialmente e historicamente construída” (PRIORE; AMANTINO, 2013, p. 9).

Logo, dentro de nossos pressupostos, o exercício profissional é um importante papel social atribuído ao masculino. Segundo Engel (2004), a ausência deste implica na inadequação social, a qual pode resultar numa predisposição masculina aos distúrbios da mente. Nadia Luz (2006), que tem como objeto de estudo o próprio *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec*, confirma que houve uma tentativa de ocultar a mão de obra improdutiva, de modo a sanear a urbe. Os dados apresentados na Tabela 3 corroboram esta hipótese, dado que 3,4% dos internos do setor masculino do *Allan Kardec* não registravam em suas fichas nenhuma profissão, perdendo apenas para a profissão de “Lavrador”, maioria absoluta com 45,7%.

Tabela 3 – Principais profissões apontadas nos livros de registros dos internos masculinos do Hospital Allan Kardec (1922-1947).

Período	Profissão	Número de Pacientes	Porcentagem
1922-1947	Lavrador	1135	45,7%
	Sem profissão	85	3,4%
	Comerciário	24	0,97%

Fonte: Livros de Registros Masculinos do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec (1922-1947).



Em um período de modernização e urbanização, aos moldes do que ocorria na *Belle Époque* europeia, foi natural que o desejo de manutenção da ordem recaísse diretamente sobre os ombros de homens que não coadunavam ao movimento ordenatório ascendente. Para tanto, com a modificação do discurso médico em torno da loucura e um novo olhar sobre o corpo, como investigado por Foucault (2001), a medicalização da loucura deu voz a uma terapia de ordem moral por meio da qual se recolhesse os homens desviantes da esfera pública e os realocasse para os “porões” dos asilos.

Fenômenos como o alienismo surgiram mediante um discurso de civilização. Com o advento da urbanização, ocorrido em linhas gerais entre os séculos XIX e XX, efusivas massas urbanas se aglomeraram nas grandes cidades que surgiam. Com efeito, uma série de medidas interventivas surgiu à modelo do que se fazia na Europa. O discurso de intervenção do moderno em oposição ao que se considerava arcaico foi introduzido inicialmente na esfera física e culminou numa série de medidas de ordem higiênica, que primavam pela salubridade do espaço físico, pelo controle das epidemias e pela ordem nas interrelações e nos espaços de convívio (CUNHA, 1986).

O alienismo e a medicalização da loucura, legitimada pela medicina mental do período, foram utilizados como prescrições moralizantes, cujo mote principal primava pelo desejado ordenamento cidadão. Como aponta Foucault (2014a, 2014b), o disciplinamento do tecido social fora obtido em um processo pedagógico, que educava os corpos através das instituições de poder. Contudo, este foi um lento processo histórico, que envolveu o avanço paulatino da psiquiatria em suas classificações das desordens mentais e a sua atuação em meio à sociedade.

Considerações finais

Muitas são os pontos passíveis de observação no que se refere ao perfil de internamento psiquiátrico dos homens do *Hospital Psiquiátrico Allan Kardec* em meados do século XX. Os discursos psiquiátricos interferem nas mais variadas instâncias da sociedade e inclusive, na burocracia hospitalar. Com efeito, na papelocracia do internamento o não-dito nos diz mais do que aquilo que foi dito: o espaço vazio no papel foi o diagnóstico dos cerca de 95% homens internados. Ao observamos a faixa etária dos internos (em idade de produtividade) e os sucintos diagnósticos de inaptidão para o



trabalho (inabilitações físico-motoras), percebemos que a questão da masculinidade – ou a ausência dela – foi possivelmente um fator motivador das hospitalizações. Em um país alocado na esteira da modernização, consoante com o modelo europeu, novos modos de agir e de se portar são exigidos para os homens da modernidade. Para os corpos que destoam desses imperativos de masculinidade, a reclusão das paredes morais dos asilos será um dos destinos mais prováveis.



Referências

Fontes

Livros de Registros Masculinos 1922-1947.

Fontes secundárias

Jornal *A Nova Era*, 1927-1940.

Referências Bibliográficas

CERQUEIRA, Ede Conceição Bispo. **A Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal: Debates sobre ciência e assistência psiquiátrica (1907-1933)**. 234 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014.

CUNHA, Maísa Faleiros da. **Fogos e escravos da Franca do Imperador no século XIX**. 2005. 161p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas-SP, 2005.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo: Juquery, a História de um Asilo**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

DALGALARRONDO, Paulo. **Civilização e loucura: uma introdução à história da Etnopsiquiatria**. São Paulo: Lemos, 1996.

ENGEL, Magali Gouveia. **Psiquiatria e Feminilidade**. In: PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FALEIROS, Rogerio Naques. **Homens do café: Franca: 1880-1920**. 2002. 224p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. 2002.

FOLLIS, Fransérgio. **Cidade e Cidadania: Franca (1890-1996)**, 2007. 212 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014b.

LUZ, Nadia. **Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: espiritismo e saúde mental (1880-1970)**. Franca: Unifran, 2006.



MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Hospício da Diamantina: a loucura na cidade moderna.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

OLIVEIRA, Carlos Francisco de. **Evolução das classificações psiquiátricas no Brasil: um esboço histórico.** Campinas, SP: [s.n], 2002.

PRIORE, Mary del; AMANTINO, Márcia Amantino. **História dos Homens no Brasil.** São Paulo: Unesp, 2013.

SILVA, Rodrigo Mateus. **Cidadania e moradia em Franca: a luta de trabalhadores em tempo de democracia (1945-1960).** Dissertação (Mestrado em História). - Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2007.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista 1860-1945.** [Tese de Doutorado]. 1998. Campinas/SP: UNICAMP, 1998.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história.** Trad. António José da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 1983